

A PSICOPATIA E OS CRIMES HEDIONDOS: UM ESTUDO COM DETENTOS DE UM PRESÍDIO DO MEIO-OESTE CATARINENSE

Andressa Morgana Abati*
Scheila Beatriz Sehnem**

RESUMO

A psicopatia é um transtorno da personalidade definido por um conjunto de comportamentos e traços específicos, entre os quais a ausência de remorso ou culpa, a falta de empatia, a manipulação e as falsas demonstrações de emotividade remetem prontamente ao transtorno, que perpassa pela área emocional/interpessoal e pelo estilo de vida antissocial construído pelo indivíduo. As características clínicas da psicopatia tornam a intervenção com esses indivíduos delicada e dificultosa, restringindo as possibilidades de tratamento do transtorno, cuja presença é significativa na população, sobretudo na carcerária. Assim, nesta pesquisa objetivou-se verificar a presença de traços psicopáticos em sujeitos condenados por crimes hediondos em um presídio do Meio-oeste catarinense; os dados foram obtidos mediante a realização de uma entrevista semiestruturada e a aplicação do Teste Zulliger de forma individual. Participaram da pesquisa três sujeitos do sexo masculino, de um total de quatro, reclusos em regime integralmente fechado e condenados a um período de reclusão superior a 25 anos pela prática de crimes hediondos. Os dados revelam que os três sujeitos apresentam traços da psicopatia, sendo estes prevalentes em dois dos participantes, o que permite a correlação entre a prática de crimes hediondos e o transtorno e alerta para um prévio diagnóstico nas instituições correcionais com o intuito de se avaliarem possíveis intervenções para esses indivíduos. Palavras-chave: Psicopatia. Crimes hediondos. Personalidade.

1 INTRODUÇÃO

A psicopatia, constructo composto por múltiplas variáveis, características e conotações e frequentemente associada ao contexto jurídico, é também interesse de estudo para a área da saúde mental, haja vista que é considerada a condição mais grave de desarmonia na formação da personalidade. O interesse em estudá-la e esclarecê-la neste artigo se deve ao fato de que a psicopatia atinge cerca de 3 a 5% da população (GARRIDO, 2011); a sua prevalência geral em amostras comunitárias aponta que a cada 25 pessoas, uma é psicopata (SILVA, 2008).

A relevância científica da pesquisa baseia-se na relativa ausência de trabalhos científicos na área, apesar de a psicopatia ser descrita como o evento clínico de maior proeminência no sistema jurídico penal e representar o diagnóstico de 20% da população carcerária no Brasil (BEHEREGARAY; CUNEO, 2009). Dessa forma, o estudo contribuiu no sentido de provocar a reflexão crítica em torno do tema, sinalizando os estigmas e os paradigmas envolvidos no trato da psicopatia, em especial, no campo psicológico.

Alguns estudos científicos já realizados procuraram instigar a relação existente entre a psicopatia e a esfera criminal, como na pesquisa realizada por Alvarado, Bueno e Krivoy (2006), na qual se buscou comparar o nível de psicopatia, de funcionamento cognitivo e de personalidade em 30 homicidas, segundo seu tempo de reclusão. O estudo, realizado em dois presídios venezuelanos, contou com o uso da Escala Hare de Avaliação da Psicopatia (PCL-R), do WAIS-III e do teste de Rorschach; por meio da análise dos instrumen-

* Graduanda do Curso de Psicologia na Universidade do Oeste de Santa Catarina Joaçaba; andressamorganaabati@gmail.com

** Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; scheila.sehnem@unoesc.edu.br

tos, pôde-se concluir que entre os homens com maior tempo de reclusão se encontraram maiores níveis de psicopatia, falta de interesse nas relações interpessoais e afeições desagradáveis, enquanto nos homicidas com menor tempo de reclusão puderam ser observadas características como preocupação com a imagem corporal e tendência a evitar problemas. Ambos os grupos apresentaram deficiências cognitivas relacionadas ao seu estilo impulsivo e a conteúdos agressivos.

Já outro estudo, envolvendo adolescentes infratores, realizado por Schmitt et al. (2006), objetivou comparar a psicopatia, a reincidência criminal e a história de maus-tratos entre adolescentes infratores *versus* a vida e outros adolescentes infratores por meio da Escala Hare (PCL-R). A amostra foi selecionada entre adolescentes que estavam cumprindo medida socioeducativa decorrente da prática de algum ato infracional, totalizando 48 indivíduos, que foram divididos em dois grupos iguais: o primeiro (em estudo) foi categorizado como grupo grave (autoria de atos infracionais contra a vida – homicídio, latrocínio, estupro, etc.) e o segundo como grupo de controle, pela autoria de atos infracionais não graves, sem correlação direta com a intenção de matar, humilhar ou provocar sofrimento à vítima (furto, roubo, tráfico de drogas, etc.). Os resultados sugerem a prevalência aumentada de personalidade psicopática e reincidência criminal entre os adolescentes autores de crimes contra a vida quando comparados a outros adolescentes infratores, enquanto a história de abuso na infância entre os grupos de estudo e controle não pôde ser demonstrada significativamente no estudo.

Visando à população adulta, o estudo realizado por Serafim et al. (2009) fez a comparação entre a atividade cardíaca e o nível de ansiedade em 110 sujeitos com idade superior a 18 anos, divididos em três grupos: homicidas psicopatas (n= 38), homicidas não psicopatas (n= 37), cumprindo pena por homicídio em prisões de segurança máxima em São Paulo, e não criminosos e não psicopatas (n= 35), de acordo com a Escala de Avaliação de Psicopatia (PCL-R). A resposta emocional foi avaliada pela variação da frequência cardíaca e níveis de ansiedade após a observação por seis segundos de imagens padronizadas de diferentes conteúdos emocionais do *International Affective Picture System*. Os resultados apontaram que homicidas psicopatas apresentam menores níveis de ansiedade e menor variação de frequência cardíaca quando expostos a estímulos desagradáveis do que os outros grupos de controle, sugerindo que eles não apresentam variação da resposta emocional diante dos diferentes estímulos visuais. Embora os homicidas não psicopatas compartilhem o mesmo tipo de crime que os psicopatas, estes tendem a responder com maior nível de ansiedade e variação cardíaca.

Por meio das pesquisas realizadas e da literatura existente sobre o tema, a suposição de que crimes violentos apresentam relação com a psicopatia pode ser válida, uma vez que as pessoas que os cometem parecem possuir déficits em seus estados afetivos e respostas emocionais em relação ao outro, o que se apresenta como um importante aspecto dominante e comumente observado no comportamento de criminosos psicopatas, notadamente quando esse comportamento se manifesta em ações explícitas com requintes de sadismo, crueldade e frieza (SERAFIM; SAFFI, 2012).

Corroborando as pesquisas realizadas e buscando explorar mais detalhadamente a relação da criminalidade com a psicopatia, o objetivo com este estudo foi verificar a presença de traços psicopáticos em sujeitos condenados por crimes hediondos em um presídio do Meio-Oeste catarinense.

2 MÉTODO

Este trabalho de investigação configura-se do tipo descritivo com abordagem qualitativa, sendo caracterizado pelo uso de técnicas interpretativas para descrever, codificar, explicar e compreender componentes de um fenômeno ou problema de pesquisa, tendo como fonte de dados o ambiente natural (VILLEMOR-AMARA; PRIMI, 2009). Por possuir caráter descritivo, tem-se como preocupação maior captar o

significado que as pessoas atribuem aos fenômenos e à sua vida, utilizando como recurso a subjetividade. Faz-se uso de observação, da entrevista, do estudo de caso e das histórias de vida como meio de coleta de dados, e o tratamento desses dados implica significar os conteúdos e compreendê-los.

Os sujeitos em potencial, participantes desta pesquisa, durante o mês de março de 2014, foram três indivíduos de um total de quatro do sexo masculino que se encontram em regime integralmente fechado numa unidade prisional de um município do Meio-Oeste catarinense conforme dados a seguir:

Quadro 1 – Caracterização sociodemográfica dos sujeitos

	Faixa etária	Estado civil	Filhos	Escolaridade	Religião	Crime cometido	Sentença decretada	Sentença cumprida
S1	28 anos	Solteiro	2	Ensino Médio Incompleto (2º ano)	Católico	Latrocínio	26 anos	5 meses
S2	41 anos	União Estável	6	Ensino Fund. Incompleto (3º ano)	Evangélico	Tráfico de drogas e Latrocínio	46 anos	3 anos
S3	31 anos	Separado	3	Ensino Fund. Incompleto (3º ano)	Evangélico	Latrocínio	46 anos	1 ano e 7 meses

Fonte: os autores.

Todos os participantes estão condenados a um longo período de reclusão (superior a 25 anos) pela prática de crimes hediondos, dispostos pela Lei n. 8.072/90 (BRASIL, 1990), sendo considerados de alta periculosidade pelo sistema judicial. A autorização para a seleção e a entrevista dos indivíduos foi concedida pelo gestor da unidade prisional determinada, sendo que não foi concedida a autorização para entrevistar um dos indivíduos em potencial em razão da alta periculosidade.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o Teste Zulliger no Sistema Compreensivo (ZSC) aplicado de forma individual (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009), visando à análise de personalidade e a identificação de aspectos como adaptação, afetividade e relacionamento dos indivíduos por meio de estímulos não estruturados, como é o caso das manchas de tinta, e uma entrevista semiestruturada, composta pelos dados de identificação e por 21 questões formuladas a partir das variáveis constituintes do fenômeno investigado com base na Escala Hare de Avaliação da Psicopatia (MORANA, 2004).

As entrevistas foram agendadas previamente mediante o consentimento do gestor da instituição e realizadas individualmente na unidade prisional, atingindo a duração de, aproximadamente, três horas cada.

Os dados foram coletados e analisados a partir da abordagem de análise de conteúdo, conjunto de técnicas de investigação e análise que se aplicam a discursos diversificados por meio de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações (BARDIN, 2009). A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou de recepção, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). Essa abordagem propõe ao investigador maior atenção pelo que está latente, escondido, pelo que não é dito pelo indivíduo em qualquer mensagem, sendo sua finalidade maior a interpretação desse discurso.

O projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), conforme condições propostas na Resolução n. 196/96 e devidamente aprovado pelo Parecer n. 491.177, em 11 de dezembro de 2013.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A psicopatia, transtorno da personalidade que abrange grande número de características e variáveis, por vezes é compreendida a partir da visão tradicional de doença mental em razão dos termos que compõem, *doente mental* (de *psique*, mente, e *pathos*, doença) (HARE, 2013, p. 38). Contudo, os psicopatas não são pessoas desorientadas ou que perderam o contato com a realidade, nem ao menos apresentam ilusões, alucinações ou a angústia subjetiva intensa que caracterizam a maioria dos transtornos mentais. Ao contrário, a personalidade do psicopata, muitas vezes, expressa-se por meio de cognições disfuncionais e costuma apresentar déficits afetivos que importam um acentuado desapego aos sentimentos. Embora a psicopatia não seja considerada um transtorno mental, seu estudo possui implicações que interessam diretamente à questão penal, conforme descrito no art. 26 do Código Penal Brasileiro: “É isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento.” (BRASIL, 1940).

A forma de delinquir do psicopata reveste-se de características muito particulares em virtude de sua grande habilidade para o engano e para a manipulação que, com as outras características do transtorno, conferem a esses indivíduos, principalmente aos olhos da Justiça, elevado grau de periculosidade presumido por lei (TRINDADE; BEHEREGARAY; CUNEO, 2009), pois embora pareçam compor a minoria no meio carcerário, os psicopatas exercem uma influência perversa sobre os demais presos e são refratários a tratamentos curativos, implicando a reincidência criminal.

Nesse sentido, o Informe Regional de Desenvolvimento Humano (2013-2014) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2013) divulgou o percentual de reincidência criminal no Brasil, 47,4%, índice considerado alto perante os demais países que compuseram o estudo (Argentina, México, Peru, etc.). Ainda mais agravante é a taxa de reincidência criminal dos psicopatas – cerca de duas vezes maior que a dos demais criminosos–, e, tratando-se de crimes associados à violência, como os crimes hediondos (homicídio, latrocínio, estupro, entre outros), a reincidência cresce três vezes mais (SILVA, 2008).

As estatísticas mencionadas permitem inferir a estreita relação entre a psicopatia e a realidade penitenciária, configurando o objetivo com esta pesquisa, que é verificar a presença dos traços da psicopatia em detentos condenados pela prática de crimes hediondos. Os dados coletados foram apresentados a seguir.

3.1 PERFIL DA PSICOPATIA: CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS

Para que fosse possível avaliar a presença ou não de características da psicopatia nos sujeitos entrevistados, utilizaram-se os critérios diagnósticos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) para o transtorno da personalidade antissocial, visto que o manual não distingue a psicopatia desse transtorno, centralmente caracterizado por um padrão difuso de indiferença e violação dos direitos dos outros, que surge na infância ou início da adolescência e continua na vida adulta (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Os critérios diagnósticos que serviram de base para esta pesquisa são (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 659):

- a) fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção;
- b) tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal;

- c) impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro;
- d) irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas;
- e) descaso pela segurança de si ou de outros;
- f) irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras;
- g) ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.

Para o diagnóstico do transtorno da personalidade antissocial, além do preenchimento de três ou mais critérios supramencionados, é necessário que o indivíduo tenha no mínimo 18 anos de idade e evidências de transtornos da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Grande estudioso do tema, Hare (2013) afirma que muitos psicopatas começam a exibir *graves problemas de comportamento ainda na infância*; estes se propagam para a vida adulta e refletem num leque de infrações, como mentiras persistentes, roubo, fraudes, incêndio criminoso, abuso de substâncias, violência, perturbação da aula na escola, entre outros. Atos como esses foram identificados nos três sujeitos da pesquisa, como representado pela fala do S1 ao relembrar sua infância:

Era bem peste, fazia briguinhas com colegas, estava sempre envolvido em alguma coisa, mas não era eu que necessariamente arrumava a confusão. [...] Na parte de roubar quando era criança não, só aquilo que toda criança faz mesmo... [risos]. É, tinha um mercadinho perto da escola e eu passava lá todo dia para comprar um salgadinho (eu só tinha dinheiro para isso), mas aí pegava um chocolate escondido, sabe moça, “como se fosse uma cortesia”, a mulher que cuidava era uma senhorinha e nunca me pegou. (informação verbal).

Surpreende na infância das crianças com tendências psicopáticas a percepção positiva que têm de atos cruéis contra outras crianças ou animais, configurando grave sinal de problemas emocionais e/ou comportamentais (GARRIDO, 2011). É comum que adultos com tais traços descrevam a crueldade contra animais praticada na própria infância como acontecimentos normais, coisas triviais e até divertidas, maneira pela qual o S3 relata suas vivências: “Dos animais eu gostava de judiar de sapo (risos); jogava sal, plástico queimado, pedra, era divertido. Esses sapos jogam líquido na gente, um dia isso pegou no meu olho e deu cobreiro, quase fiquei cego (risos). Então, cada vez que eu via eles colocava um óculos e jogava, tacava pedras.” (informação verbal). A continuidade do comportamento antissocial durante toda a vida do psicopata é realmente impressionante, conforme afirma Hare (2013), caracterizando o fracasso desses indivíduos ao ajuste de regras e normas sociais e as consequentes condenações criminais que compõem seu histórico. Exemplifica-se tal característica pela fala do S2:

Tinha 18 anos quando fui preso pela primeira vez [...] por um roubo de supermercado (objetos, ferramentas, alimentos). Meu irmão tava junto e foi preso também, só que ele era menor de idade. [...] Quando era de maior sempre fui preso. No total foram três vezes fora essa de agora, essa primeira que te falei e depois teve outra por roubo [...] A terceira vez foi uma briga, uma tentativa de homicídio contra minha ex-mulher, tinha uns 20 e poucos anos [...] Latrocínio e tráfico, sou condenado. O latrocínio foi recorrido porque foi um crime sem intenção. [...] A história do tráfico durou pouco tempo, comecei a me envolver com isso porque tinha uns traficantes que moravam perto de casa e eles tinham uma vida boa, sempre tinham dinheiro e aí resolvi mexer com isso. Eu só vendia, mas não cheguei a ganhar nada, porque foi só três meses, daí a polícia já pegou. (informação verbal).

A *tendência à falsidade* é característica corriqueira na personalidade psicopática e pôde ser observada nos três sujeitos da pesquisa. Executada de diversas maneiras (mentiras, enganos e manipulações), a falsidade do psicopata parece não ter outro objetivo que não o “prazer de enganar”, causando orgulho da própria capacidade e levando-os a afirmarem que “dão uma maquiada” na história, colocando nela uma pitada de verdade (HARE, 2013). O S1, quando questionado sobre a habilidade em contar mentiras, afirma: “Não, não

invento mentiras... Gosto de contar alguns contos, sabe, falar a verdade aumentando ela (risos). Todos nós somos bons nisso, deixa você mais confiante naquilo que fala. Aumento para enfeitar a história (risos).” (informação verbal). Concernente a isso, os psicopatas são reconhecidos como sujeitos que falam muito, expressam-se com encanto, têm respostas espertas e contam histórias improváveis, mas convincentes, que lhes deixam em uma boa situação diante das pessoas (GARRIDO, 2011). O S3 expressa tais características quando define suas ações criminosas:

Nunca agi com violência nos assaltos, vários locais que entrei para roubar tinha crianças, aí vinha na mente minhas filhas, então eu pedia água e saía dali, não queria que a criança fosse afetada, não queria que tivesse trauma de arma, de faca apontada pra ela, pra mãe, pro pai. Acho que não é certo, a gente que tá aqui dentro não aceita roubar onde tem criança. Não é justo ela passar por traumas, a mente da criança tem delicadeza. A gente não pode abalar, ela não vai querer ir pra escola, sair de casa, não vai ser o que era antes. (informação verbal).

Dada sua eloquência e articulação, não causa surpresa o fato de os psicopatas saberem como convencer as autoridades das instituições prisionais que estão se recuperando; para tanto, inscrevem-se em cursos, participam de programas de orientação e exibem uma profunda religiosidade, conforme retratado na fala do S2:

Sou batizado, mas agora comecei a praticar, tenho livros evangélicos que ensinam a Bíblia, to por dentro de tudo que vai acontecer no mundo mais tarde. Li muitas coisas na Bíblia que estão acontecendo. Quero pregar a palavra no presídio, resgatar as pessoas. Tem muito preso que fala em Deus e dá risada, zomba. Todas as terças eles vêm fazer o culto, é muito bom isso. O crime não compensa, senhora, vejo vários saírem e voltarem pra cá de novo, então passo essa palavra, o amor de Deus para eles. (informação verbal).

Tais comportamentos, revela Garrido (2011), não demonstram a absoluta vontade de reabilitação, mas a demonstração de que estão dispostos a se reabilitar, garantindo o mais rapidamente possível a habilitação para regimes próximos ao da liberdade condicional.

A *impulsividade*, característica presente no discurso de dois dos sujeitos entrevistados, quando apresentada pelos psicopatas, visa sempre alcançar prazer, satisfação ou alívio imediato em determinada situação, sem qualquer vestígio de culpa ou arrependimento (SILVA, 2008). As decisões são tomadas no calor do momento, sem análise e sem consideração em relação às consequências a si ou aos outros; familiares, colegas e empregadores costumam ficar desconcertados quando os psicopatas abandonam empregos, rompem relacionamentos, mudam planos, tudo por coisas que parecem muito mais do que um capricho. O S1 exemplifica tal característica quando comenta que:

[...] trabalhei três anos sem assaltar, só usando drogas mesmo. Eu entrava e já saía das empresas para pegar o dinheiro do acerto e a gente vivia bem. [...] Voltei a assaltar quando eu ia fazer 26 anos, porque queria fazer uma festa, só que não tinha dinheiro [...] aí deu boa, assaltei e fiz a festa (não estava trabalhando de novo). (informação verbal).

Os prós e contras de uma ação não são de todo analisados pelos psicopatas, que a cometem sem considerar suas possíveis consequências, baseando as escolhas na simples vontade que sentiram de fazê-la (HARE, 2013). Na fala do S3, isso pode ser observado: “Quando tava cumprindo a condenação do assalto em julho de 2012 eu fugi [...] porque já tava há dois anos sem ver minhas filhas, estava com saudades delas.” (informação verbal). Há, ainda, a necessidade de excitação continuada, característica relacionada à impulsividade que se configura pela ânsia desmesurada por viver novas sensações, podendo ser interligada ao consumo de drogas e álcool, a mudanças constantes de trabalho e residência, assim como ao estilo de vida criminoso e violento (GARRIDO, 2011). Essa relação está presente nas falas do S1, quando diz que:

As drogas que usava eram a maconha (desde os 15 anos) e a cocaína (desde os 17 anos). Não sou viciado, usava porque me dava energia. [...] conheci umas pessoas que me convidaram para assaltar e como estava precisando de grana eu aceitei... A gente assaltava muitos lugares no mesmo dia [...]

Então depois eu trabalhei um ano de segurança em uma “zona”, digo, boate [risos] [...] e aí ela faliu, daí meu pai comprou a “zona” e fiquei seis meses de gerente (já tinha 27 anos). Nessa fase fui acusado de tráfico de drogas, era o principal suspeito, mas não conseguiram me prender [risos]. Depois larguei a “zona” e fui trabalhar numa indústria [...] (informação verbal).

Além de agir sem pensar, o psicopata demonstra *irritabilidade e agressividade* ao que ele considera que sejam provocações ou insultos e, costumeiramente, reage com violência física ou verbal ante as situações, contudo, não perde o controle sobre o próprio comportamento no decorrer do episódio e se demonstra consciente de suas ações (HARE, 2013). Dos três sujeitos entrevistados, um deles (S1) representou essa característica ao relatar o momento do crime, quando confessa: “Estava bem ‘doidão’ na hora, tinha cheirado cocaína a noite toda, mas a droga não me tira a lucidez, ela me deixa com mais energia [risos]. Eu lembro de tudo que fiz naquela noite, lembro de todas as facadas. A droga deixa você frio, sem sentimento. Na hora eu pensei ‘foi ele, não eu’.” (informação verbal). Garrido (2011) afirma que o psicopata emite uma resposta agressiva como sendo um modo natural de reagir a uma provocação, e, apesar de poder ferir ou maltratar alguém, ele não reconhece a dificuldade em controlar seu temperamento.

A *falta de empatia* é um aspecto que tem sido comumente incluído nas concepções tradicionais da psicopatia (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), visto que o indivíduo parece incapaz de se colocar no lugar de outras pessoas – a não ser no sentido puramente intelectual – e não consegue imaginar o que elas sentem diante das experiências da vida. Os três sujeitos entrevistados evidenciaram essa característica, sendo a fala do S1 um expressivo exemplo: “Eu poderia ter tentado impedir os caras na primeira facada, mas ao mesmo tempo poderia arriscar minha vida. Podia ter falado para pararem, mas não falei porque na hora não tinha sentimento. Eu pensava ‘não sendo eu, se foda quem morreu’.” (informação verbal). Para Hare (2013), os psicopatas veem as pessoas como objetos que devem ser usados para sua própria satisfação e são indiferentes aos direitos e ao sofrimento de estranhos, conforme evidenciado pela fala do S3: “[...] não pensava antes nas vítimas, o ladrão nunca vai pensando nisso [...] eu não tinha a intenção de escutar a pessoa que eu tava roubando [...], na hora eu só dizia “‘É um assalto, me dá o dinheiro [...]” (informação verbal). Em razão da incapacidade que tem para apreciar os sentimentos dos outros, a maioria dos psicopatas apresenta condutas que prejudicam gravemente os que os rodeiam, causando danos de forma manipuladora e agressiva, desconsiderando as necessidades alheias e buscando levar vantagem em todas as situações (GARRIDO, 2011). Nesse sentido, o S1 afirmou: “Sabe, as pessoas tem medo de mim aqui. Os presos e os agentes. Eles me tratam diferente, eles têm medo de quem é 157, de quem é latrocida [risos]. [...] Sabe aquela frase ‘a ocasião faz o ladrão’? Então, eu me aproveito disso, respeito os caras aqui e eles me respeitam, por medo ou não.” (informação verbal). O descaso pela segurança dos outros pode ser associado ainda a uma incapacidade flagrante para sentir, de modo completo, as diversas emoções humanas, sendo alguns episódios de afetividade meras exibições de falsa emotividade (GARRIDO, 2011). Ao ser indagado sobre o que sentia em relação às consequências de seu crime para a vítima, o S1 respondeu: “Eu sinto pena dele, coitado. Não sei por que morreu. Eu era amigo dos filhos dele, pra família deve estar sendo difícil. Eles eram muito apegados no cara. Eu não tinha a intenção dele morrer.” (informação verbal).

A *irresponsabilidade* abrange vários campos na vida do psicopata, desde o laboral (períodos significativos de desemprego ou trocas constantes de atividades), perpassando o financeiro (inadimplência ou incapacidade de sustentar seus dependentes), e, até mesmo, o familiar (pais irresponsáveis, parceiros sexuais exploradores), o que corresponde dizer que as obrigações e compromissos não significam nada para esses indivíduos, que não hesitam em usar os recursos da família ou de amigos para sair de suas próprias dificuldades e nem se intimidam com a possibilidade de que suas ações possam resultar em sofrimento ou risco para outrem (HARE, 2013). Dos sujeitos entrevistados, todos apresentaram essas características, conforme exemplifica a fala do S1: “Quando saí da cadeia a primeira vez, eu fui pegar o dinheiro que tinha escondido dos outros assaltos (ninguém sabia disso, nem meu pai, foi ele que pagou todas as despesas com advogado

e tal enquanto eu fiquei preso), e a primeira coisa que fiz foi comprar roupas [...]” (informação verbal). Para Garrido (2011), a falta de responsabilidade é evidenciada também quando esses indivíduos conquistam licenças penitenciárias, como a liberdade condicional, e se utilizam desse benefício como oportunidade para fugir ou cometer novos delitos, situação vivenciada pelo S2:

Fui para o presídio [...], fiquei um ano e sete meses lá e quando já tava no semiaberto fugi de lá por uma janela, saí para conquistar a liberdade. A polícia, então, foi atrás de mim em peso, fugimos em quatro pessoas, nós ficamos em três só e daí fomos pegar um carro para ir embora, achamos a propriedade de um homem [...] e aconteceu essa “desgraceira” [...] (informação verbal).

A *ausência de remorso* pode ser demonstrada pelos psicopatas por meio da indiferença a ter ferido, maltratado ou roubado alguém, levando-os a racionalizarem de modo superficial as situações, assim como a culparem suas vítimas de terem sido tolas, desamparadas ou merecedoras de seu destino, minimizando as consequências danosas de seus atos ou simplesmente demonstrando total indiferença (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Os três sujeitos entrevistados concederam respostas que vem ao encontro dessa característica; S2, ao relatar sua vida criminosa, afirma:

[...] uma tentativa de homicídio contra minha ex-mulher, tinha uns 20 e poucos anos. Ela foi embora de casa e levou os documentos do financiamento que eu tinha feito [...] e minhas fotos, então eu fiquei com muita raiva e fui buscar isso onde ela morava com a mãe dela, levei a arma (facão) junto para me proteger [...] mas ela não tava, ela tava trabalhando na casa da patroa, então fui até lá e falei com ela pra me devolver os documentos e minhas fotos e ela começou a zombar, fazer cara de nojo pra mim, daí me alterei muito por isso e dei duas facãozadas nela e fugi, foi tudo na frente da patroa dela. [...]. Não foi muita coisa não, me deu raiva dela ter zombado da minha cara. (informação verbal).

Embora em certos momentos o psicopata admita ter realizado os atos atribuídos a ele, Hare (2013) explica que eles costumam minimizar ou até negar as consequências que tais atos causaram a outras pessoas, assim como expõe o S1: “[...] comecei a ajudar ele a assaltar para pegar mais dinheiro. [...] a gente só queria dinheiro pra fazer festa, comprar roupa e arma, ‘pra ostentação’.” (informação verbal). Muitas vezes também os psicopatas se colocam como vítimas reais da situação em virtude da sua infância problemática ou por outras circunstâncias relacionadas à sua vida (GARRIDO, 2011), como evidenciado na fala do S3:

Acho que isso me influenciou a praticar os atos depois... Já tinha feito isso (roubar uva, laranja), então não tinha mais medo. Sempre fui de me deixar levar pelos outros, esse é meu ponto fraco, senhora. Pela má influência comecei a fazer roubo, pegar bebidas nas danceterias, praticar esse lado que era prazeroso, mas que não tinha futuro [risos]. Fui pego uma vez e fiquei uma semana preso [...], foi em 2000 (tinha 16, 17 anos). Foi meu primeiro roubo, meu “primeiro 155”, arrombamos um mercado e pegamos bebidas, mantimentos, cigarro, dinheiro. Como foi fácil, eu pensei “agora que ficou mais fácil vou continuar”. Aqui é meia vida que perdi, hoje vi que é difícil; só o tempo pode mudar a gente. (informação verbal).

Considerando os critérios diagnósticos do quadro de transtorno da personalidade antissocial, equiparado ao da psicopatia pelo DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), as falas colhidas pela entrevista com cada um dos sujeitos entrevistados possibilitam a inferência de que os comportamentos vivenciados formam uma base útil para a determinação de vários traços que caracterizam a psicopatia nesses sujeitos.

3.2 PERFIL DA PSICOPATIA: ESTRUTURA DE PERSONALIDADE

Para Serafim e Saffi (2012), a personalidade se apresenta como um conjunto de características relativamente estáveis e previsíveis de traços emocionais e comportamentais que caracterizam a pessoa em sua vida cotidiana, sob condições normais. Quando esses traços se apresentam inflexíveis e mal adaptativos, causando prejuízo funcional ou sofrimento subjetivo ao indivíduo, este pode apresentar forte tendência ao desenvolvimento de um transtorno. O estudo da possível relação entre personalidade e comportamento

violento, possibilita, neste sentido, a melhor compreensão da psicopatia, transtorno caracterizado por atitudes agressivas, hostis e insensíveis.

A avaliação da personalidade, por sua vez, consiste em avaliar traços e padrões comportamentais e emocionais únicos a cada pessoa, determinando estilos comportamentais e experiências vivenciadas pelo sujeito (SERAFIM; SAFFI, 2012). Na pesquisa, a avaliação da personalidade constituiu-se um item fundamental para corroborar as entrevistas realizadas com os sujeitos, dando respaldo às falas e teorias explanadas na seção anterior.

Como instrumento para essa avaliação, utilizou-se o Teste de Zulliger, desenvolvido pelo psicólogo Hans Zulliger, em 1948, cuja análise da personalidade é baseada em alguns pressupostos relacionados aos processos psíquicos envolvidos na resposta a um estímulo não estruturado, como acontece com as manchas de tinta. A produção de respostas neste instrumento envolve também os processos de associação, atribuição de significados e simbolização (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009).

Algumas variáveis são utilizadas pelo instrumento para a interpretação dos resultados da avaliação, sendo estas baseadas em sete amplas áreas do funcionamento da personalidade: processamento das informações, mediação cognitiva, ideação, controle e tolerância ao estresse, recursos afetivos, autopercepção e percepção interpessoal. Cada variável foi analisada nos indivíduos entrevistados, sendo relacionadas a seguir as que apresentaram relações mais significativas com os critérios diagnósticos da psicopatia.

O *processamento da informação* indica como as pessoas abordam a experiência, para quais elementos do campo de estimulação elas dirigem mais sua atenção e como processam os estímulos recebidos (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009). No aspecto índice de aspiração intelectual, os S1 e S3 apresentaram resultados excessivos às suas reais capacidades, demonstrando níveis de inteligência superiores nas operações de análise e síntese, mas também rigidez de processamento, pobreza de associações e déficit intelectual ou preocupações específicas, o que corrobora a característica egocêntrica do psicopata, ao acreditar que suas habilidades serão capazes de transformá-lo naquilo que quer ser, apesar de seu histórico de baixo desempenho e oscilação na questão educacional (HARE, 2013). O S3, durante a entrevista, corrobora tais resultados ao afirmar que:

A sociedade julga diferente. Para mim isso que a senhora tá fazendo hoje é uma ajuda, faz a gente lembrar de quando era pequeno [risos], vai buscando. Cada dia estudo a Bíblia, tudo tem significado, ler e procurar o entendimento, é a mesma coisa que a senhora faz na escola, tem que praticar, como tá fazendo comigo hoje. (informação verbal).

A *mediação* indica em que medida o sujeito emite respostas convencionais e aceitáveis no que se refere à percepção da realidade (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009). Nesse aspecto, os três indivíduos demonstraram perceber os fatos de modo relativamente objetivo e adequado, com poucas distorções subjetivas, apresentando algumas particularidades, como excentricidade (S1) e perfeccionismo e objetividade exacerbada (S2 e S3). A objetividade foi percebida, sobretudo, no S2, cujas respostas eram rápidas, pontuais e secas. Ao ser questionado sobre um possível planejamento do crime, o mesmo respondeu: “Não, o objetivo era só arrumar o carro para ir embora.” (informação verbal). Sobre estar arrependido pelo cometimento do crime, sua resposta foi: “Porque veio a falecer uma vida; se não tivesse feito, isso não tinha acontecido. Pela família também, família é tudo.” (informação verbal).

No item *ideação*, que identifica o modo como as pessoas pensam a respeito de suas experiências e impressões e dos eventos de suas vidas (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009), as respostas do S1 e do S3 indicam confusão de ideias de caráter patológico e percepção de si mesmos ou dos objetos como estando danificados, conforme se apresenta na fala do S1 sobre a percepção de si mesmo: “[...] ‘eu to lascado’, peguei muitos anos de cadeia, estou engordando [...]” (informação verbal). A confusão de ideias foi mais presente nas falas do S3, como retratado na resposta referente ao sentimento de arrependimento pelo crime cometido:

[...] sabe senhora, quando a gente não sabe se pega caneta, lápis, borracha para escrever ou se pega o livro que já tá tudo escrito. Essa divisória nos impede de enxergar o que é para ser. Mesmo que era errado, mas continuei fazendo, entrei num beco sem saída. Melhor pegar e levar do que devolver, a gente fica de mãos atadas, não tem para onde ir. Eu me arrependo de não ter tirado a corda que prendia o abençoado na cama. (informação verbal).

Nesse item, o S2 infere a propensão de perceber de modo positivo as relações interpessoais, conforme explicitado por uma de suas respostas: “[...] não penso em mim agora, penso na família, através da oração peço proteção para eles, para meus amigos e também para os inimigos, para a senhora, para todo mundo. Hoje não tenho mágoa de ninguém, nem da polícia, aprendi a amar o próximo.” (informação verbal).

Os indicadores do processamento emocional e afetivo utilizam-se das emoções como correspondentes dos padrões de comportamento úteis à sobrevivência do sujeito, identificando que a maneira como uma pessoa lida com suas emoções interfere em vários aspectos de sua existência (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009). No aspecto modulação do afeto, os S1 e S3 revelaram certa inabilidade em interceder cognitivamente no processamento emocional, visto que suas experiências afetivas são muito intensas, além de um relativo desequilíbrio emocional, característica comum em pacientes psiquiátricos e também nos psicopatas, em que, ao lado de uma aparência fria e distante, manifestam episódios dramáticos de afetividade, que nada mais são que pequenas exibições de falsa emotividade (GARRIDO, 2011). A fala do S3 sobre o que sentiu enquanto estava praticando o crime vem ao encontro da teoria:

Na verdade fiquei preocupado com a vítima. No carro falei [...]: se você deu facadas nele vamos pegar por agressão, por algo que agiu sozinho. Mas ele esperou a gente dormir [...] tentei duas vezes convencer ele a voltar para desamarrar o corpo, mas ele disse: “Já deve ter polícia, alguém, não vão ver o carro na garagem, a janela aberta [...]” Se pudesse ia voltar sozinho, era pra ajudar, mas nem tudo que a gente planeja é tão perfeito. Não, nunca gostei de fazer esse tipo de coisa, tipo assalto, as vítimas não reagem, entregavam de espontânea vontade. (informação verbal).

Já as respostas do S2 indicam que suas experiências afetivas foram direcionadas por elementos cognitivos, pois seus afetos surgem e se dissipam lentamente. Ao relatar suas experiências familiares, pode-se perceber tais aspectos:

Minha mãe faleceu nessa época (9, 10 anos) de infarto, então morava com meu pai e minha avó. A morte da mãe foi de repente, eu tinha ido visitar ela num dia e no outro vieram avisar que ela tinha falecido [...] Eu queria ficar bem de vida, todo mundo era rico e eu pobre. [...] Não queria contato com meu pai, porque ele bebia e me batia (olhos abaixados). Ele faleceu por causa disso há 17 anos. Apanhei dele só uma vez com 14 anos porque ele sabia que eu roubava. O que ficou mais perto dele dos filhos fui eu, mas a maioria das vezes eu ficava na rua, dormia ou na casa das tias [...]. A vó faleceu quando eu tinha 19 anos. (informação verbal).

O índice de percepção interpessoal e autoimagem é caracterizado pela maneira como as características do *self* estão representadas internamente, apresentando relação direta com o fator autoestima (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009). De modo geral, os três sujeitos demonstraram dificuldades no processo de identificação ou tendências ao isolamento interpessoal, além de imaturidade, pouca variedade de interesses e baixa riqueza intelectual, indicativo da fala do S2 quando questionado sobre o que sentiu no momento do crime:

Sentia pegar o carro e arrumar dinheiro para pegar mais dinheiro [...]. Fiquei meio apavorado, não fui eu que matei. A polícia até pediu porque a gente não ligou pra eles avisando que o cara tava amarrado se a gente não queria que ele morresse... Sentia medo daquele que morreu, mas ele conhecia toda a região, só ele sabia dirigir [...] Não gosto de cometer crimes, hoje não... Fazia antes porque precisava. (informação verbal).

Os S1 e S3 apresentaram também tendência ao retraimento e esquiva de contatos sociais fora da família e conteúdos indicativos de depressão, que podem ser melhor representados pelo S3, ao falar sobre si mesmo:

[...] eu fui fracassado, eu mesmo fui a causa-ação do meu fracasso, não precisava fazer nada disso [...] eu aqui, assim, eu sou o erro, quero tentar corrigir para não voltar a viver com ele de novo. Hoje por ter minha vida, não ter perdido saúde, por minha dignidade, me acho 50%, ou outros 50% são as burrices [...]. Não tá bom aqui porque não tenho minha família por perto. (informação verbal).

É válido ressaltar que tais resultados podem ser facultados à situação em que os sujeitos se encontravam no período de aplicação do teste, como também à característica dos psicopatas de forçarem situações, com o intuito de passar uma boa imagem de si mesmos (HARE, 2013).

Na análise do *tipo de vivência* avaliado pelo teste, pode-se compreender o modo como as pessoas funcionam ao resolver problemas e tomar decisões (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009). Nos sujeitos entrevistados, as respostas dos S1 e S3 indicaram um tipo de vivência extratensivo, que se utiliza de estratégias de ensaio e erro no enfrentamento de problemas, tolera os erros e aceita sistemas lógicos marcados por ambiguidades. A preferência nesse tipo de vivência está em usar interações e trocas afetivas com o ambiente para obter gratificações; a tendência dos indivíduos extratensivos é reagir com labilidade e irritação, sendo altamente reativos ao que percebem como insulto ou desprezo, características estas que compõem o quadro da psicopatia (HARE, 2013). Tal aspecto pode ser evidenciado pela fala do S1 ao relatar uma de suas ações:

[...] uma vez eu e dois amigos fomos em uma danceteria [...] e lá dentro roubaram a jaqueta de couro do meu amigo, aí quando nós saímos nós vimos a jaqueta dele com outra pessoa e a gente sabia que era a jaqueta dele porque ela era única, feita de retalhos... aí a gente correu atrás do menino e pegamos a jaqueta [...] a gente bateu né, bateu até que bastante, eles estavam em dois e nós em três. (informação verbal).

Já o S2 apresenta um tipo de vivência introversivo, preferindo usar a ideação ou a deliberação racional para resolver seus problemas. A tendência nesse tipo de vivência é de apresentar dificuldades para agir e para utilizar a vida mental nas gratificações básicas, evitando tentativas de ensaio e erro, e sendo menos tolerante quando estes ocorrem, assim como retrata o sujeito durante a entrevista: “Aprentava direto, saía de casa e dormia na rua para apreutar, pai não gostava. Eu só roubava [...] mercado, bar, pegava dinheiro, bicicleta nas casas, aí às vezes a polícia me pegava, batiam para entregar o objeto roubado, davam choque e aí dava mais raiva e apreutava pior [...]” (informação verbal).

Considerando as características de personalidade dos sujeitos que participaram deste trabalho de investigação, pode-se perceber a presença de sintomas que sinalizam a psicopatia, especialmente nos S1 e S3, visto que ambos evidenciaram níveis de inteligência superiores às suas reais capacidades, confusão de ideias, episódios de falsa emotividade, além de um tipo de vivência caracterizado pela labilidade e irritação. O S2, apesar de apresentar resultados no teste que o distanciaram do quadro da psicopatia, não pode ser desconsiderado perante a comparação com o transtorno, visto que sua resistência ao instrumento pode ter ocultado características mais expressivas. Tal resultado condiz também com os apresentados pelas entrevistas realizadas com os sujeitos e pode reforçar a ideia de que indivíduos praticantes de crimes hediondos possuem características de personalidade relativas à psicopatia.

4 CONCLUSÃO

Eloquência, superficialidade, ausência de remorso, falta de empatia, manipulação, falsas emoções, impulsividade, necessidade de excitação, falta de responsabilidade e problemas precoces de comportamento que se estendem à vida adulta são sintomas-chave que caracterizam a psicopatia, considerada uma deformação no desenvolvimento da personalidade humana. É possível afirmar que os três sujeitos participantes desta pesquisa apresentam tais sintomas em suas ações e comportamentos, mesmo que em intensidades e maneiras diferentes para cada sujeito entrevistado, conforme representado pelo maior número de traços do transtorno nos S1 e S3, enquanto no S2 estes ficaram menos evidentes, apesar de estarem presentes.

Ao apontar tal resultado, o modo de tratamento dispensado aos sujeitos (cumprimento da pena em unidades prisionais não especializadas em atender indivíduos com patologias) não é efetivo à correção, à reabilitação e à reinserção deles na sociedade, visto que as próprias características do transtorno não levam o indivíduo a uma verdadeira recuperação, mas a um modo de vivência astucioso, podendo seduzir e manipular os companheiros, conquistando seu respeito e adoração, como também os profissionais que trabalham na instituição, que, em grande maioria, nem ao menos conhecem o perfil do psicopata e se deixam seduzir por tais indivíduos.

A necessidade de um diagnóstico prévio sobre possíveis transtornos que podem acometer indivíduos responsáveis por crimes hediondos, costumeiramente marcados por extrema crueldade, assim como de um acompanhamento eficiente deles coloca-se como fundamental ao processo de condenação *versus* reabilitação, principalmente quando os indivíduos já são reincidentes no sistema judicial, situação na qual os sujeitos participantes se apresentaram. Conclui-se necessária uma interação dinâmica e eficaz entre as áreas do Direito e da Psicologia, assim como de áreas afins, para serem criadas e/ou aprimoradas técnicas e métodos que propiciem (mesmo que em pequeno grau de efetividade), possibilidades de reinserção dos indivíduos com traços da psicopatia na sociedade.

Tornam-se necessários, ainda, estudos para a criação de novos instrumentos para a avaliação da psicopatia, cuja maioria encontra-se restrita a testes padronizados e altamente sugestionáveis, sobretudo para indivíduos caracterizados como essencialmente manipuladores e mentirosos, como os psicopatas. Tal atitude beneficiará os profissionais responsáveis pelo diagnóstico e possibilitará com que os indivíduos recebam condenações e tratamentos diferenciados de acordo com a intensidade do transtorno, promovendo alternativas para a sua reabilitação e ressocialização.

A realização de novos estudos é essencial para ampliar o conhecimento científico na área da Psicologia, como também para corroborar os resultados encontrados nesta pesquisa, visto que há na literatura poucos estudos relacionando a prática de crimes hediondos com a psicopatia, principalmente estudos cuja análise ocorra mediante conteúdos trazidos por cada sujeito participante, a fim de que estes possam ser amplamente explorados.

A satisfação conquistada por intermédio da concretização desta pesquisa é pertinente a todas as etapas vivenciadas, desde o contato inicial com a unidade prisional onde se realizou o estudo, perpassando pela etapa de entrevistas com cada sujeito participante, momento este rico em histórias e experiências, culminando na etapa de consolidação e análise dos dados coletados, que proporcionou um aumento significativo de conhecimentos e domínio desse fascinante quadro que é a psicopatia, ainda cercado de rótulos, estigmas e disparidades, sobretudo teóricas.

REFERÊNCIAS

ABDALLA-FILHO, E. Transtornos de personalidade. In: TABORDA, J. G. V.; ABDALLA-FILHO, E.; CHALUB, M. (Org.). **Psiquiatria Forense**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 430-449.

ALVARADO, M.; BUENO, R.; KRIVROY, F. Nivel de psicopatía, funcionamiento cognitivo y de la personalidad en hombres homicidas según el tiempo de reclusión. **Psicología – Revista de la Escuela de Psicología**, Caracas: Universidad Central de Venezuela, v. 25, n. 2, p. 20-26, dic. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S131609232006000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=es>. Acesso em: 30 mar. 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p. Tradução de: *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2009. 281 p. Tradução de: L'Analyse de Contenu.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Relatórios Estatísticos-Analíticos do sistema prisional no Brasil**. Brasília, DF, dez. 2012. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={D574E9CE-3C7D-437A-A5B6-22166AD2E896}&BrowserType=NN&LangID=pt-br¶ms=itemID%3D%7BC37B2AE9-4C68-4006-8B16-24D28407509C%7D%3B&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE-11-A26F70F4CB26%7D>>. Acesso em: 31 maio 2014.

FIGLIOLI, J. O.; MANGINI, R. C. R. **Psicologia Jurídica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 433 p.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Ministério da Justiça. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, São Paulo, ano 6, 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/Andressa/Downloads/Anu%3%A1rio%202012-08-11.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2014.

GARRIDO, V. **O psicopata: um camaleão na sociedade atual**. Tradução Juliana Teixeira. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. 293 p. Tradução de: El psicópata: un camaleón en la sociedad actual. (Coleção Aspectos da Psicologia).

HARE, R. D. **Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós**. Tradução Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2013. 240 p. Tradução de: Without Conscience: The Disturbing World of the Psychopaths.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: resultados gerais da amostra**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2014.

MORANA, H. **Manual Escala Hare PCL-R: critérios para pontuação de psicopatia – revisados**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 158 p.

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO. **Informe Regional de Desarrollo Humano 2013-2014 – Seguridad Ciudadana con rostro humano: diagnóstico y propuestas para América Latina**. Nova York, 2013. Disponível em: <<http://www.latinamerica.undp.org/content/dam/rblac/img/IDH/IDH-AL%20Informe%20completo.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2014.

SCHMITT, R. et al. Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, v. 33, n. 6, p. 297-303, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010160832006000600002&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2014.

SERAFIM, A. de P. et al. Cardiac response and anxiety levels ins psychopathic murderers. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo: Associação Brasileira de Psiquiatria, v. 31, n. 3, p. 214-218, set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462009000300006&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2014.

SERAFIM, A. de P.; SAFFI, F. **Psicologia e Práticas forenses**. Barueri: Manole, 2012. 247 p.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 218 p.

STRIEDER, R. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa**. Joaçaba: Ed. Unoesc, 2009. 64 p.

TRINDADE, J.; BEHEREGARAY, A.; CUNEO, M. R. **Psicopatia – a máscara da justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2009. 179 p. (Coleção Direito e Psicologia).

TRINDADE, J. **Manual de Psicologia Jurídica para operadores do Direito**. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2009. 480 p.

VILLEMOR-AMARAL, A. E. de; PRIMI, R. **Teste de Zulliger no Sistema Compreensivo – ZSC: Forma individual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. 178 p.